

MÚSICA QUEER BRASILEIRA: PROTAGONISMO NO UNIVERSO POP

ET 23 - Identidades e (Não)Representatividades de LGTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil

Gilvan da Costa Santana

Doutor em língua e Cultura. Instituto Federal de Sergipe. Gilvan.costa@ifs.edu.br

Elza Ferreira Santos

Doutora em Educação. Instituto Federal de Sergipe. elza.ferreira@ifs.edu.br

Resumo

Este artigo se propõe a pensarmos em como artistas que exemplificam o conceito de identidade queer, dentro de uma perspectiva feminista e pós estruturalista, alcançaram o destaque no mundo da música pop. Atualmente, o sucesso e o prestígio fazem parte da vida de diversas artistas brasileiras queer, do quilate de Pablo Vittar, Glória Groove, Lineker e Linn da Quebrada, por exemplo. Fato é que a visibilidade de sua música e de suas performances tem desconstruído, por certo, o binarismo heteronormativo tão presente ainda na sociedade. A pesquisa constata que o sucesso é real, mas não tem minimizado nem afugentado os crimes que se cometem contra as pessoas LGBTQIA+ em nosso país.

Palavras-chave: Música pop; Identidades queer; LGBTQIA+.

INTRODUÇÃO

A pesquisa geradora de Comunicação Oral e futura publicação mostra que artistas queer do Brasil, do quilate de Pablo Vittar, Glória Groove, Lineker e Linn da Quebrada, por exemplo, conquistaram, nos últimos anos, sucesso, prestígio e visibilidade no universo pop, assumindo o inédito *mainstream* viabilizado por múltiplas possibilidades *de streaming*. Para o estudo proposto, nessa direção, são assumidos conceitos de identidades queer a partir de Butler (2003; 2004) e LOURO (2001; 2004) conceitos cuja marca maior é de fluidez, instabilidade e multiplicidade de gêneros, em oposição ao binarismo sexual biologizante, haja vista ser queer:

o excêntrico que não deseja ser 'integrado e muito menos tolerado'. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p.8).

Aliado a conceitos do que vem a ser queer, é preciso lançar mão de outro complexo e ambíguo conceito do que vem a ser música pop ou *pop music*. Nessa direção, optamos por nos basear em Barcinski (2014) e em Costa Santana (2020). Trata-se de conceitos que, inevitavelmente, relacionam o universo pop com a força da indústria cultural (*mainstream* e *streaming*) em escala nacional ou até internacional.

Pop era música para consumo maciço, na forma de canção, de duração curta (dois a quatro minutos, em média), escrita em formato simples de “estrofe-refrão-estrofe” e com repetição de partes, visando a rápida assimilação pelo ouvinte. Era, basicamente, uma canção para tocar no rádio e dirigida ao público jovem. A partir de meados dos anos 1960, o conceito de *pop music* começou a mudar. A imprensa passou a utilizar a palavra “rock” para definir um tipo de música mais visceral e “autêntica”, enquanto o termo “pop” era usado, cada vez mais frequentemente, como sinônimo de som comercial. (Barcinski, 2014, p. 10)

Nessa direção, para Costa Santana (2020), considerar como pop um estilo musical é, por um lado, entendê-lo como estrondoso sucesso midiático, efêmero e descartável, padronizado por um nível estético discutível sob produção de larga escala comercial a cada moda ou estação; por outro lado, para esse pesquisador, “a música pop é toda aquela que adquire a adesão das massas, da população em geral, que cai no gosto popular, dependente ou independentemente da pressão midiática e, ademais, não necessariamente descartável, sem qualidade estética e de efêmero sucesso” (COSTA SANTANA, 2020, p. 25).

MÚSICA QUEER É POP

Uma vez estabelecendo os recortes e interrelações entre conceitos de identidades queer, e de música pop, conseguimos chegar ao escopo da pesquisa como sendo o atual cenário da música queer brasileira no universo pop. Isso é viável a partir dos estudos de Costa Santana e Ferreira Santos (2018), uma vez que corroboram a tese de que artistas da cena queer destacam-se pela transgressão a estereótipos e binarismos de gêneros e sexualidades. Segundo o estudioso e a estudiosa do assunto em foco, foi somente a partir dos anos 1970 que se destacaram, com visibilidade, prestígio e popularidade, nomes da pioneira cena musical queer como DziCroquettes, Secos e Molhados, Edy Star, Maria Alcina, por exemplo. Notadamente, mesmo que diante de uma realidade repleta de violências homo e transfóbicas, contraditoriamente, se no passado sujeitos e cenas queer foram, quase sempre, vítimas de silenciamento, hostilidade ou ostracismo,

hodiernamente, estão em evidência nos mais diversos cenários, expondo-se, impondo-se, gritando sua liberdade e assumindo suas múltiplas identidades.

A lista de nomes inclui desde as atuais estrelas-pop de alcance nacional e internacional a outros nomes ainda num universo pop local: Pabllo Vittar, Gloria Groove, Linn da Quebrada, Aretuza Lovi, Lia Clark, Majur, Liniker, Johnny Hooker, Filipe Catto, Jaloo, Kaya Conky, Banda Uó, As Bahias e a Cozinha Mineira, Não Recomendados, Caio Prado, Quebrada Queer, Boombeat, MC Trans, Rico Dalasam, Zerzil, Jup do Bairro, MC Queer, MC Xuxu, Lineker, Mulher Pepita, As Baphônicas, Priscila Tossan, Urias, Sara e Nina, Lulu Monamour, Daniel Peixoto, Lucas Santana, Gê de Lima, Almério, Triz, Danna Lisboa, Potyguara Bardo, Deena Love, Lamona Divine, Seketh Barbara, Filippa Ramona, Jurema Fox, Blair Oberlin, Maddax, Verónica Decide Morrer, AGA31, Jeza de Pedra, Hiran, Monna Brutal e tantos outros nomes que ocupam a cena a cada novo dia.

Assim é que o *cast* de artistas assumidamente queer não para de crescer, sem falar da notoriedade adquirida por artistas assumidamente LGBT, um fenômeno cultural inimaginável há algumas décadas. Nesse contexto, vemos as maiores estrelas-pop brasileiras atuais, com penetração e destaque, inclusive, internacional, tais quais Anitta, Ludmilla e Luísa Sonza. Trata-se, pois, de uma vasta produção musical que busca visibilidade, respeito, ocupação de espaço legítimos e tolerância em termos de representatividade de pessoas queer e LGBT, fato inimaginável no cenário pop nas pretéritas décadas, em termos de, por exemplo presença e penetração em emissoras de rádio, gravadoras multinacionais, sistema de televisão e/ou, nos casos atuais, canais a cabo, aplicativos, *sites*, enfim, plataformas para acessos e downloads, tais como *YouTube, Facebook, Instagram, Spotify, Deezer, Apple Music, Prime, Globoplay* e toda uma indústria de arte, cultura e entretenimento.

Não é demais enfatizar que nesta pesquisa consideramos coerente classificar como músicas e artistas queer a primazia ao (re)significado do que viria a ser marginal, periférico, andrógino, não-binário, isto é, a desconstrução de verdades hegemônicas, heteronormativas e binárias. Em resumo, este estudo em tela prioriza a música queer a partir de performances de viés social, político, cultural, étnico, sexual. Nesse bojo, ganha relevo o escracho, o deboche, a crítica, a celebração a múltiplas e fluidas identidades, o revide contra as opressões. Isso tudo amalgamado em performances de ‘corpos estranhos’, letras de músicas muitas vezes chocantes, cenários e figurinos diferenciados em relação a padrões tradicionais.

Destarte, os espaços social e individual são ‘ocupados’. Os artistas aqui nomeados se assumem queer porquanto insistem e resistem em distanciar-se de conceitos rotulantes, limitantes e opressores, colocando-se contra as normas preestabelecidas e assumindo sua autonomia, seu domínio de corpos e de desejos. (COSTA SANTANA; FERREIRA SANTOS, 2018, p. 09)

Asseveramos que, se no passado recente a cena queer estava circunscrita a guetos e “inferninhos”, alijada do *streaming*, ignorada e marginalizada pelo *mainstream* (em nível de gravadoras, programas de rádio e televisão, casas de espetáculo, referências bibliográficas, estudos acadêmicos), hoje, artistas e músicas queer são, em muitos casos, estrelas-pop, para além de nichos ou guetos. São recordistas de visualizações para seus vídeos (superproduções técnicas e artísticas), possuem agenda de shows concorridíssima e de altos cachês, apresentam altos contratos publicitários, pertencem ao *cast* de multimídias nacionais e internacionais.

CONSIDERAÇÕES EM CONSTRUÇÃO

Ainda que os dados ora expostos comprovem ser a música queer atual brasileira protagonista no universo pop multimidiático, motivo de comemoração, não deixamos de registrar o fato de o Brasil ser o país que mais pratica violências e assassinatos a pessoas queer. Implica dizer que a projeção de artistas pop hoje consagrados, do quilate de Pablo Vittar, Glória Groove, Liniker e Linn da Quebrada, por exemplo, vem acompanhada de boicotes, discursos de ódio, *fake news*, enfim, patrulhamento por parte de grupos pseudomoralistas e tradicionalistas disseminados nos diversos meios de comunicação e redes sociais.

Inferre-se desse panorama que a presença de artistas queer hoje no *mainstream* não elimina as lutas políticas por subjetivação e respeito a identidades diversas que ora ocupam espaços hegemônicos de uma indústria cultural. Cabe a esses corpos queer não se deixar levar pelo já tradicional uso do *mainstream* em termos de sua sexualização, objetificação, fetichização e estereotipação.

Essas estrelas da música pop sempre lutaram e deverão continuar lutando por existências de *drag queens*, travestis, bichas afeminadas, sapatões fanchonas e todos os outros perfis, para além de binarismos de sexo/gênero e império racial da branquitude e segregação social. Em suma, a representatividade das estrelas pop-queer traz formas interseccionais de resistência queer.

Posto isso, compreendemos que, mesmo quando o sucesso das celebridades queer é catapultado pelo *streaming*, é mister que o mundo do entretenimento cultural não se sobreponha a ações políticas interseccionais (gênero, raça, classe), por mais que pareça paradoxal, em se tratando do que se entende como poder avassalador das mídias hegemônicas no capitalismo.

REFERÊNCIAS

BARCINSKI, André. **Pavões misteriosos: 1974-1983- a explosão da música pop no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

BUTLER, Judith. **Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

COSTA SANTANA. Gilvan da. **Imagem discursiva feminina nas letras do samba-canção de Dolores Duran e do funk de Tati Quebra Barraco**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2020. Disponível em: http://www.ppglinc.lettras.ufba.br/sites/ppglinc.lettras.ufba.br/files/2._tese_-_versao_final_1.pdf

COSTA SANTANA. Gilvan da & FERREIRA SANTOS. Elza. **MÚSICA QUEER BRASILEIRA**. E-book CONQUEER... Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 480-491. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40233>>.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, vol. 9, nº 2. Florianópolis, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.